

## FORMAÇÃO DO LEITOR E POESIA NA SALA DE AULA

CÉLIA SEBASTIANA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS).

### Resumo

Jorge Luis Borges (2000), ao refletir sobre o enigma da poesia, diz, citando o bispo de Berkeley, que uma maçã, ao ser degustada, tem o seu gosto não em si mesma, nem na boca que a come. É preciso o contato entre elas. O mesmo ocorre com o livro em uma biblioteca. Em si ele é um objeto físico num mundo de objetos físicos, mas quando aparece o leitor certo, as palavras, ou antes, a poesia que há nelas, "saltam para a vida e temos a ressurreição da palavra." O escritor argentino afirma ainda que a poesia é antes e acima de tudo "uma paixão e um prazer" e que não podemos defini-la, tal como não conseguimos definir o gosto do café, da cor vermelha, do pôr-do-sol. A presente proposta de comunicação pretende expor o projeto de leitura de poesia, destinado a alunos da segunda fase do ensino fundamental, intitulado COMO TIRAR A POESIA DA ESTANTE. Tal projeto funda-se nessa intenção borgiana de "ressuscitar a palavra poética", retirando-a da estante e permitindo que ela "salte para a vida", ainda que o ponto de partida inicial esteja restrito ao ambiente escolar. E o entendimento da poesia como paixão e prazer não é no sentido de absorver um texto palatável, do ler por ler, mas no sentido de que, quanto mais o aluno se apropria do texto poético, participando como co-autor na construção do seu significado, mais rica será a experiência estética e melhor ele promoverá o exercício crítico, criativo e expressivo da linguagem.

### Palavras-chave:

Poesia, Formação de leitor, escolarização.

Steiner (1988) diz que "quando é mais que devaneio de apetite indiferente nascido do tédio, a leitura é uma forma de atuação" (p. 28), pois a voz do livro, materializada em um poema, um romance, uma peça, entra em nosso íntimo e exerce sobre nossa imaginação, nossos desejos, nossas ambições, nossos sonhos, nossa consciência um domínio estranho e contundente. E ainda acrescenta que, quem lê *A metamorfose* de Kafka e "consegue se olhar no espelho sem se abalar, talvez seja capaz, do ponto de vista técnico, de ler a palavra impressa, mas é analfabeto no único sentido que importa" (1988, p. 29). Esse único sentido, infere-se, é o de se ver como ser humano, com necessidade, fraqueza, força, coragem, medo. Assim, o crítico conclama a importância e urgência de que "a arte da leitura, do verdadeiro alfabetismo" (1988, p. 28) seja reconstituída. Apesar do tom tanto descrente de Steiner em sua proposta de alfabetização humanista, ela encontra eco em Candido (2004), quando este, ao defender a literatura como um direito humano irrestrito, afirma que "em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação" (p. 175) e acrescenta que ela "desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante" (2008, p.180). É indiscutível o papel humanizador da literatura na vida do educando e a prática da leitura literária na escola, por esse viés, atende, inclusive, à previsão da LDBEN (nº 9394/96) que, em seu artigo 35, inciso III, coloca como um dos objetivos a ser alcançado na escola o "aprimoramento do educando como pessoa humana", incluindo aí a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

Se a leitura e a escrita estão entre os grandes desafios para os professores, especialmente os da área de Letras, em vista de que, embora alfabetizados, os

alunos não incorporam práticas sociais que envolvam as ações de ler e escrever, esse desafio torna-se ainda maior quando se especifica a leitura do texto literário e, ainda mais, quando o texto literário em foco é o poético. Referindo-se, especificamente à poesia, Paz (1982) diz que, como uma "operação capaz de transformar o mundo" ( p.15), a atividade poética é, por natureza, revolucionária e, por ela, o homem pode adquirir a consciência de ser algo mais que passagem.

Ao se pensar a formação do leitor literário, especialmente a do leitor jovem, o gênero poético é assaz desafiador. Desafiador porque, embora esteja na origem de todas as coisas e, juntamente com outras formas de expressão, está presente nas atividades cotidianas das comunidades mais primitivas, a poesia distancia-se muito, especialmente em uma época volátil como a nossa, do leitor comum e se encontra, via de regra, marginalizada no âmbito escolar, em razão, até mesmo, de seu caráter mais inacabado, mais circular que o da prosa. Tais considerações nos levam a uma pergunta inquietante: como mediar eficazmente a leitura de poesia na sala de aula? Com base nessa pergunta e no desafio de aproximar o aluno leitor e a poesia, é que foi proposto e executado o projeto COMO TIRAR A POESIA DA ESTANTE?, em duas turmas de alunos do 6º ano do ensino fundamental, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O título do projeto é inspirado no título do livro *Poesia fora da estante* - um dos motes da proposta - e em Borges (2000). Ao refletir sobre o enigma da poesia, o escritor argentino diz, citando o bispo de Berkeley, que uma maçã, ao ser degustada, tem o seu gosto não em si mesma, nem na boca que a come. É preciso o contato entre elas. O mesmo ocorre com o livro em uma biblioteca. Em si, ele é um objeto físico num mundo de objetos físicos, mas, quando aparece o leitor certo, as palavras, ou antes, a poesia que há nelas, "saltam para a vida e temos a ressurreição da palavra". Ele afirma ainda que a poesia é antes e acima de tudo "uma paixão e um prazer" e que não podemos defini-la, tal como não conseguimos definir o gosto do café, da cor vermelha, do pôr-do-sol.

Esse projeto de leitura de poesia fundou-se, portanto, na tentativa de encontrar o "leitor certo", capaz de "ressuscitar a palavra poética", retirando-a da estante e permitindo que ela saltasse "para a vida", ainda que o ponto de partida inicial estivesse restrito ao ambiente escolar. Nesse sentido, os objetivos principais consistiram em sensibilizar o aluno para a recepção e exploração do texto poético em todas as suas potencialidades, por meio da leitura corpo a corpo com o poema; promover a apropriação do texto poético, a partir da experiência estética; contribuir para a formação de um leitor literário mais autônomo e mais humanizado; divulgar a poesia, a partir da leitura de uma coletânea de poemas de diferentes poetas modernos e contemporâneos e promover momentos de integração cultural, envolvendo toda a comunidade escolar.

Ao se propor o projeto COMO TIRAR A POESIA DA ESTANTE, a intenção era também a de criar nos alunos uma familiaridade com a poesia, de modo que eles pudessem relacioná-la com as diferentes linguagens das demais disciplinas componentes do currículo referente a essa série e que pudessem também reconhecê-la e vivenciá-la como linguagem nas situações mais cotidianas.

Mas, como ainda diz Borges (1980, p. 124), "o fato é que a poesia não é os livros na biblioteca (...). No encontro do leitor com o livro temos a poesia - na descoberta do livro". Por essa razão, foi recomendada aos alunos a leitura do livro *Poesia fora da estante*, que constitui uma coletânea de poemas de autores modernos e contemporâneos, organizada por Vera Aguiar, Simone Assumpção e Sissa Jacoby. Esse livro indicado foi um pretexto inicial para promover esse encontro, de que fala

Borges, do leitor com o livro. Paralelamente à indicação do livro, a turma foi dividida em grupos e cada grupo foi desafiado a inventar alguma atividade para tirar a poesia da estante e, em alguma medida, levá-la a outros leitores, dentro ou fora dos âmbitos da escola (envolvendo aí os próprios colegas, a família, a comunidade). Com a criatividade inerente a alunos entre 11 e 12 anos, cada grupo fez um pequeno projeto para divulgar a poesia (com poemas que não fossem os do livro indicado, o que os obrigaria a pesquisar e ler outros textos poéticos): alguns fizeram cartazes, varais, pílulas poéticas, bandeirolas, recitais, jograis, caixas poéticas, capas de caderno. Nessa etapa, eles desenvolveram ora atividades mais lúdicas, ora mais funcionais.

Feita a leitura do livro indicado, as turmas foram divididas em grupo e cada grupo ficou responsável por um de dez dos poetas constantes na coletânea, a saber: Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Henriqueta Lisboa, Paulo Leminski, Roseana Murray, Mario de Andrade, José Paulo Paes, Sérgio Caparelli, Vinícius de Moraes, Elias José. Como o trabalho foi feito na aula de Língua Portuguesa, outros gêneros textuais complementares orais e escritos foram usados, como biografia, entrevista, depoimento, jogral, dramatização, recital, carta/ e-mail, verbete, resenha. Assim, cada grupo deveria apresentar o poeta escolhido, a partir de uma série de atividades. Em uma primeira etapa, eles pesquisaram a biografia do poeta escolhido; com base nela, um aluno do grupo deveria representar teatralmente o poeta e fazer um depoimento, falando de sua atividade e de sua vida; os outros deveriam entrevistar o poeta ator e homenageá-lo com recital e jogral. Junto a essa atividade, a professora, na condição de mediadora, criou alguns momentos de leitura corpo a corpo do texto poético, instigando os alunos ora a construir, por seus próprios mecanismos, os sentidos do texto; ora a apenas fruir esteticamente (entenda-se fruir no sentido da apropriação que o leitor faz do texto e da permissão para que esse texto lhe atinja a subjetividade). Um aspecto bastante significativo, nesses momentos de leitura dirigida, foi perceber nos alunos o "assombro ante uma realidade cotidiana que de repente é revelada como nunca foi vista" (PAZ, 1982, p.55) e o regozijo com este assombro. Nesse sentido é que se pode dizer que o entendimento da poesia como paixão e prazer, conforme aponta Borges (2000) não é no sentido de absorver um texto palatável, do ler por ler, mas no sentido de que, quanto mais o aluno se apropria do texto poético e participa da construção de seu significado, mais rica será a experiência estética e melhor ele promoverá o exercício crítico, criativo e expressivo da linguagem.

A segunda etapa do trabalho consistiu na promoção do I FESTIVAL DE PIPOESIA na escola. Ainda com o objetivo de "literalmente" tirar a poesia da estante e deixá-la "voar" ou "saltar para a vida", os alunos confeccionaram pipas e nelas ins(es)creveram os poemas de suas preferências e no evento soltaram as pipas. Essa etapa foi interdisciplinar, pois envolveu a disciplina de Educação Física, em cujo currículo está prevista a construção de um brinquedo e o brinquedo escolhido foi a pipa; a disciplina de Matemática, cujo professor ficou responsável pelas noções de medidas e da geometria constituinte da construção das pipas e Teatro, cujo professor ficou responsável por, em parceria com a professora de Língua Portuguesa, promover, durante o evento, um sarau de poesia com os alunos.

Nessa etapa, em que o chamado era exatamente o verso "Vamos brincar de poesia", de José Paulo Paes, no poema "Convite" (presente no livro *Poesia fora da estante* e lido com os alunos), foi possível verificar o quanto a poesia, de fato, convida ao lúdico. Embora esse aspecto do lúdico não seja o elemento principal, ao se trabalhar a poesia na sala de aula, ele, sem dúvida, desempenha papel importante, senão fundamental, para minimizar as fronteiras entre o aluno e a poesia, sobretudo, quando esse aluno se encontra na zona fronteira entre a infância e a adolescência.

A última etapa do projeto consistiu em atividades de escrita. Foram feitas propostas de produção textual. Na primeira, a partir da leitura de algumas definições poéticas de Mario Quintana, retiradas de *Caderno H* e *Sapato Florido*, os alunos deveriam criar um minidicionário poético com verbetes recolhidos do cotidiano deles. Na segunda, foi feita a leitura de *Classificados poéticos*, de Roseana Murray e de classificados de jornal. Após essas leituras, os alunos produziram os próprios classificados poéticos. Na terceira atividade, os alunos leram o livro *A cor da ternura*, de Geni Guimarães e, após uma discussão sobre a obra e sobre o tema abordado - o preconceito racial - foi proposta aos alunos a criação de *slogans* contra o preconceito. Nessas atividades, o objetivo principal não era o de que os alunos escrevessem como poetas, mas de que percebessem o sentido lúdico e as múltiplas possibilidades que o lidar com as palavras pode implicar. O que se verifica do resultado dessas atividades é que os alunos, no exercício da escrita, potencializaram as possibilidades de exploração criativa, crítica e expressiva da linguagem, pois conseguiram escrever textos em que aparecem o ritmo, as metáforas, a ambiguidade, o abstrato, ainda que desconhecendo a metalinguagem dessa "teoria" do texto poético.

De um modo geral, pode-se dizer, a partir da experiência com esse projeto, que a eficácia na formação do leitor de poesia está em viabilizar uma familiaridade do leitor com o texto poético e, em sala de aula, cabe ao professor o papel, não ensinar (sobre) poesia, mas mediar a leitura e, condição salutar, este professor deve ser fundamentalmente um leitor de poesia. Aliás, para formar leitores de poesia ou de quaisquer outras modalidades de texto literário, deveria haver uma lei básica: ler e ler com certa sensibilidade. Este é, talvez, o caminho para franquear ao aluno o acesso à poesia. É o que confirma Borges (1980), ao dizer que, no papel de professor de literatura inglesa, na Universidade de Buenos Aires, quando indagado pelos alunos sobre bibliografias para estudar, sempre lhes respondia: "Por que vocês não estudam diretamente os textos"(p.125) e acrescenta:

Certas pessoas têm dificuldade em sentir a poesia, daí dedicam-se a ensiná-la. Creio que sinto a poesia e que não a ensinei. Nunca ensinei meus alunos a amar este ou aquele texto, mas sim a literatura, considerando-a como uma espécie de felicidade (1980, p. 126)

Para acrescentar, Carlos Felipe Moisés diz que "para gostar de poesia, o fundamental é o convívio constante, a familiaridade com o texto poético, baseada na tentativa continuada de ler e compreender" (1996, p. 11).

E, se a sensibilidade é um caminho eficaz na aproximação com a poesia, a partir dessa proximidade com o texto poético, espera-se que os alunos, despertados para o gosto da leitura de poesia, insiram-na em suas práticas de leitura e que a poesia, lida, assumida e exercida ludicamente, seja recurso para tornar esses alunos mais familiarizados com a própria subjetividade, mais afinados em suas emoções e melhor habilitados na capacidade de leitura de textos literários e de outros gêneros textuais, bem como na possibilidade de compreensão do papel social que exercem na escola, na sociedade, na vida, no mundo.

#### REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera; ASSUMPÇÃO, Simone; JACOBY, Sissa. *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto; CPL/PUCRS, 2007.

- BORGES, Jorge Luis. *Sete noites*. São Paulo: Max Limonad, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRASIL. *Leis de diretrizes e bases da educação nacional (LDB)* Brasília: MEC, 1996.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- GEBARA, A. E. L. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. São Paulo: Cortez, 2002.
- JOLLES, A. *Formas Simples*. São Paulo: Cultrix, 1986
- MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil*. Introdução à análise do texto poético. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1996.
- MURRAY, Roseana. *Classificados Poéticos*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2004.
- PAIVA, Aparecida et all. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2004
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- OSAKABE, Haquira. Poesia e indiferença. PAIVA, Aparecida et all. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2008.
- QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2006.
- TREVISAN, Zizi. A poesia na sala de aula.. In: ROJO, Roxane (Org.) *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP. Mercado das Letras, 2000 ( Coleção: As faces da lingüística aplicada).